La Comédiathèque



O Cheiro do Dinheiro

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

O Cheiro do Dinheiro

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Pode o dinheiro de origem duvidosa trazer a felicidade? Frédéric, um pintor sem recursos, recusa por amor-próprio o dinheiro sujo que lhe deixa o pai, desaparecido num acidente de avião. Abandonado pelo pai aos cinco anos, entra agora em conflito com a companheira e a irmã, que têm boas razões para não querer deixar escapar esta fortuna inesperada. Quem é, afinal, o homem que lhes oferece dez milhões de euros em troca de uma simples assinatura? E de onde vem exatamente esse dinheiro? Cada um tem a sua verdade...

Personagens

Frédéric
Delphine
Carlos
Vanessa

© La Comédiathèque

CENA 1

O modesto ateliê de Frédéric, que também serve de sala de estar no loft onde vive com a companheira, Delphine. Diante do cavalete, Frédéric trabalha numa tela enquanto ouve música. Delphine entra, de gabardina e com uma pasta na mão.

Delphine – Olá!

Frédéric – Já chegaste?

Delphine – Que receção calorosa... Se te incomodo, volto daqui a uma hora.

Frédéric – Desculpa... Nem dei pelo tempo passar.

Frédéric desliga a música, mas continua a pintar.

Delphine – Que sorte tens... A mim, o dia pareceu-me interminável... *(Tira a gabardina, pousa a pasta, aproxima-se dele e beija-o.)* Desculpa interromper-te a meio do trabalho... Espero que um dia tenhas um ateliê só teu.

Frédéric – Este serve-me perfeitamente.

Delphine – Refiro-me a um ateliê que não sirva também de sala de estar. Assim não te incomodava quando chegasse do trabalho.

Frédéric – Nunca me incomodas, sabes bem.

Ela observa o quadro.

Delphine – É um quadro novo?

Frédéric – Sim...

Delphine – Outro rosto... Misterioso, indecifrável...

Frédéric – Podemos passar uma vida inteira a tentar desvendar o mistério de um rosto.

Delphine – E continuas sem modelo...

Frédéric – Queres que te pinte um retrato?

Delphine – Para desvendares os meus segredos, como dizes? Ias ficar desiludido. Não tenho nada a esconder...

Frédéric – Todos temos alguma coisa a esconder. Para mim, serás sempre uma mulher muito misteriosa.

Delphine – O que é que te surpreende tanto em mim?

Frédéric – Para começar, teres escolhido viver comigo.

Delphine – Chama-se amor, não é?

Frédéric – Então o amor é uma coisa muito misteriosa.

Delphine – É verdade... Aliás, pergunto-me porque é que tu escolheste viver comigo.

Frédéric – Oh, isso é muito simples.

Delphine – Sou toda ouvidos.

Ele pousa os pincéis, aproxima-se dela e abraça-a.

Frédéric – Porque és funcionária do ensino público francês! Para um artista, dá uma segurança enorme.

Delphine *(divertida)* – Grande sacana...

Frédéric – Sem ti, nenhum banco nos teria concedido um empréstimo a trinta anos para comprarmos esta antiga garagem a que agora chamamos loft.

Delphine – Bem, não foi pelo teu romantismo que te escolhi...

Frédéric – Enganas-te. Sou um grande romântico, obrigado a esconder a minha sensibilidade por detrás de um aparente cinismo.

Beija-a.

Delphine – Tens razão, continua a pintar sem modelo. Não ia gostar de chegar a casa e encontrar uma rapariga nua, estendida no meu sofá numa pose lasciva...

Frédéric – Queres posar para mim? Nua... Numa pose lasciva...

Delphine – Não teria paciência. E ainda tínhamos de ligar mais o aquecimento...

Frédéric – Não sei se temos dinheiro para isso... Bem, acho que fico por aqui.

Delphine – Desconcentrei-te.

Frédéric – Adoro quando me desconcentras... Como correu o teu dia?

Delphine – Às vezes parece que sou domadora de feras, não professora. Toca a campainha e soltam-se as feras...

Frédéric – Proibiram os animais nos circos. Também deviam proibir as crianças nas escolas.

Delphine – Mas assim ficava sem emprego. Já só comemos batatas.

Frédéric – Adoro batatas. Sobretudo quando as como contigo.

Delphine – Havemos de nos safar. Um dia hão de reconhecer o teu talento.

Frédéric – Há semanas que não vendo um quadro.

Delphine – Mas o teu site trouxe-te algumas visitas...

Frédéric – Pois trouxe. Vêm, olham, conversam... A qualquer hora. Ofereço-lhes café, mas raramente tiram o livro de cheques do bolso.

Delphine – A tua exposição correu bem.

Frédéric – Uma exposição num restaurante... Enquanto não conseguir entrar numa galeria a sério. De preferência em Paris...

Delphine – Mas recusas-te a contactar as galerias de Paris!

Frédéric – Para quê? Ninguém me conhece. E já devem receber tantas propostas...

Delphine – E aquele teu misterioso colecionador russo? O que te comprava um quadro todos os meses para lho enviares para Londres...

Frédéric – Nunca mais soube dele... Talvez tenha morrido...

Delphine – Vá lá... Haverá outros...

Frédéric – Claro... Tratei do jantar.

Delphine – Ótimo! O que é que vamos comer?

Frédéric – Batatas.

Delphine – Fantástico... Fritas? Puré?

Frédéric – É uma receita nova. Acho que se chama... batatas em roupão.

Delphine – Vou vestir o meu e já estou contigo. Para uma noite romântica...

Frédéric – Não te importas que eu fique assim? Os roupões não me favorecem.

Delphine – Vou aproveitar para tomar um duche.

Ela sai. Ele contempla o quadro, insatisfeito. Tocam à campainha. Vai abrir e regressa com Carlos.

Frédéric – Faça favor de entrar... Este é o meu ateliê...

Carlos – Obrigado por me receber sem eu ter avisado.

Frédéric – Estou habituado... Mas é preferível telefonar antes. Podia não estar em casa...

Carlos – Voltaria noutra altura... *(Olha para a tela.)* É muito... perturbador, este retrato. Mas magnífico. É um rosto de homem ou de mulher?

Frédéric – Isso... faz parte do mistério...

Carlos – A verdade nunca se revela à primeira vista, em toda a sua nudez...

Frédéric – Caso contrário, mais valia tirar uma fotografia.

Carlos – É o mistério que dá todo o encanto à Mona Lisa, não é verdade?

Frédéric – Pelo menos, no caso da Mona Lisa, sabemos que é uma mulher... Mas tem razão. Pinto para tentar chegar a uma certa verdade. Representando a realidade de maneira diferente daquela que se vê à primeira vista. Ainda agora estava a falar disso com a minha mulher...

Carlos – Então é casado...

Intrigado com o rumo pessoal da conversa, Frédéric limita-se a sorrir.

Frédéric – Descobriu os meus quadros no meu site?

Carlos – Não...

Frédéric – É galerista? Colecionador? Ou apenas apreciador de pintura?

Carlos – Gosto de pintura, é verdade... Mas não sou nenhuma dessas coisas. Para lhe dizer a verdade... não vim comprar um quadro.

Frédéric – Já que cá está, pode sempre dar uma vista de olhos. Não perde nada com isso.

Carlos – Infelizmente, o que tenho para lhe dizer não tem nada a ver com pintura...

Frédéric – Estou a ouvir...

Carlos – Vim dar-lhe uma má notícia.

Frédéric – Logo vi... Mas diga, faça favor.

Carlos – Talvez já saiba...

Frédéric – Não, não... Digamos que não estou habituado a que desconhecidos me batam à porta sem avisar para me trazerem boas notícias.

Carlos – Muitas vezes, uma má notícia também tem um lado positivo.

Frédéric – Está a começar a preocupar-me... Não é Testemunha de Jeová, pois não?

Carlos – Não, esteja descansado.

Frédéric – Então quem é o senhor? E o que tem de tão urgente para me dizer?

Carlos – Sou... Quer dizer, era o advogado do seu pai.

Frédéric – Do meu pai?

Carlos – Charles. Charles Andreani. O senhor é filho dele, não é?

Frédéric – Sou... Ao que parece.

Carlos – Pois bem... O seu pai deixou-nos.

Frédéric – Lamento muito por si. Mas sabe, a minha mãe, a minha irmã e eu também fomos abandonados por ele há muitos anos.

Carlos – Queria dizer que... o senhor Andreani faleceu.

Frédéric – Percebi.

Carlos – Sei que há muito não tinha contacto com o seu pai e compreendo que esta visita o apanhe de surpresa. Podia ter-lhe escrito, claro. Mas fiz questão de vir pessoalmente.

Frédéric – Eu tinha cinco anos quando o meu pai saiu de França. A minha mãe morreu há uns anos. Há muito que não tinha notícias dele. Claro que também não apareceu no funeral dela. Compreenderá que a notícia da morte dele não me abale muito.

Carlos – Compreendo.

Frédéric – Pelo que a nossa mãe nos contou, foi para os Estados Unidos na esperança de fazer fortuna, abrindo lá um restaurante... É tudo o que sei...

Carlos – Morreu no México. Vivia lá há muitos anos.

Frédéric – O senhor é mexicano?

Carlos – É um pouco mais complicado do que isso.

Frédéric – Admirava-me que não fosse... E o que fazia ele no México?

Carlos – Tinha... restaurantes, precisamente. Bom, mais propriamente bares...

Frédéric – A nossa mãe contou-nos que os negócios dele nos Estados Unidos não correram tão bem como esperava.

Carlos – Foi por isso que se mudou para o México.

Frédéric – E foi um advogado que escolheu para me anunciar a morte? Porquê, quer pôr-me em tribunal?

Carlos – Compreendo a sua amargura, acredite.

Frédéric – Duvido.

Carlos – Mas, para além do lado afetivo, há também o lado jurídico... e financeiro. É aí que entra a parte positiva...

Frédéric – Ou seja?

Carlos – O senhor era filho dele. É um dos herdeiros.

Frédéric – Herdeiro?

Carlos – Juntamente com a sua irmã, claro.

Frédéric – Também foi falar com a Vanessa?

Carlos – Sim.

Frédéric – Mas o que é que ele deixou, afinal? Bares? Até gosto de Corona, mas não me imagino dono de um bar no México. E também não vejo a minha mulher atrás do balcão a fazer contas.

Carlos – O seu pai tinha bares, é verdade. Mas, nos últimos anos, afastou-se desse negócio e investiu boa parte da fortuna na Europa.

Frédéric – Disse... fortuna?

Carlos – Sim... Bem, também não tinha uma fortuna de milhares de milhões.

Frédéric – Mas de quanto dinheiro estamos a falar, exatamente?

Carlos – Hoje não lhe posso dar um valor exato, mas saberá em breve. Para já, queria comunicar-lhe a morte do seu pai.

Frédéric – O senhor é mesmo advogado?

Carlos – Acima de tudo, era o seu homem de confiança... e amigo.

Frédéric – Amigo dele?

Carlos – Digamos que o ajudei mais de uma vez a sair de situações... delicadas.

Frédéric – É advogado... Quando diz «situações delicadas», isso inclui a prisão?

Carlos – Sabe, ninguém faz fortuna sem correr riscos. Sobretudo no México. E isso implica, por vezes, alguma liberdade em relação à lei...

Frédéric – Não sei se quero saber mais.

Carlos – Talvez seja melhor assim.

Frédéric – Posso sempre recusar a herança.

Carlos – Deixo-o pensar, mas seria uma pena.

Frédéric – Já decidi. O dinheiro não me interessa. Sobretudo o do meu pai.

Carlos – Dê tempo ao seu luto. E fale com a sua mulher. As mulheres costumam dar bons conselhos, sobretudo quando se trata de dinheiro...

Frédéric – Já fiz o meu luto há muito. Imagino que o funeral já tenha sido...

Carlos – Não houve funeral. O corpo não foi encontrado.

Frédéric – Como assim, não foi encontrado? Como morreu ele?

Carlos – Viajava num pequeno avião que caiu ao mar ao largo de Veracruz. Só encontraram os destroços da fuselagem...

Frédéric – O meu pai continuou até ao fim a ser uma pessoa muito... difícil de apanhar.

Delphine regressa de roupão.

Delphine – Desculpem receber-vos nestes preparos. Não sabia que tínhamos visitas...

Carlos – Sou eu que peço desculpa, minha senhora... Aliás, já estava de saída...

Delphine – Espero que não seja por minha causa. Sabe, posso tirar este roupão... *(Carlos olha para ela, surpreendido.)* Quer dizer... para vestir qualquer coisa mais decente.

Carlos – Já é tarde. Voltaremos a falar disto em breve, com mais calma. Meus respeitos, minha senhora.

Frédéric – Nem sequer tenho o seu contacto...

Delphine faz menção de o acompanhar à porta.

Carlos – Eu entro em contacto consigo. Não se incomode, sei o caminho.

Ele sai.

Delphine – Quem era aquele tipo?

Frédéric – Um amigo do meu pai.

Delphine – O teu pai? Disseste-me que mal o conheceste. Julgava que tinha morrido...

Frédéric – Sim, eu também...

Delphine – E o que queria?

Frédéric – Anunciar-me a morte do meu pai.

Delphine – Lamento muito.

Frédéric – Pelo menos agora é oficial...

Delphine – Estás bem?

Frédéric – A última vez que o vi ainda era criança.

Delphine – Mas lembras-te dele?

Frédéric – Já nem sei muito bem o que realmente recordo... e o que inventei. Está tudo misturado na minha cabeça...

Delphine – Então ainda lhe guardas rancor... Quer dizer, guardavas...

Frédéric – Guardei-lhe rancor, claro. No princípio. Depois comecei a culpar-me a mim próprio...

Delphine – Porquê?

Frédéric – Perguntava-me se ele não teria partido por minha causa.

Delphine – É um disparate... mas compreendo. Podias ter perguntado à tua mãe...

Frédéric – Podia... Mas há coisas de que não é fácil falar com a nossa mãe.

Delphine – Claro...

Frédéric – E depois, com o tempo, conformei-me. Quase consegui esquecê-lo. Se o encontrasse na rua, provavelmente nem o reconheceria.

Delphine – E esta noite aparece um desconhecido à porta para te anunciar a morte dele...

Frédéric – Ainda assim, é estranho saber que morreu mesmo.

Delphine – Não sei o que te dizer...

Frédéric – Não disse que estivesse especialmente triste. Abandonou-nos há muitos anos e nunca mais deu notícias.

Delphine – Então porque é que se deu ao trabalho de mandar avisar-te da morte dele?

Frédéric – Parece que é por causa da herança.

Delphine – Ah, pois é... Também há isso... E encarregou um amigo de tratar da sucessão?

Frédéric – Aquele tipo também era advogado dele...

Delphine – Não tem propriamente ar de advogado.

Frédéric – Foi o que pensei quando o vi.

Delphine – Como é que se chama?

Frédéric – Nem me lembrei de perguntar. Estava tão surpreendido. É mexicano.

Delphine – Mexicano?

Frédéric – Pois, eu sei. Também não tem ar de mexicano...

Delphine – Também nunca lá estivemos. Imagino que nem todos os mexicanos sejam morenos e andem de sombrero, com uma cartucheira a tiracolo, como o Pancho Villa...

Frédéric – Pelo menos, os advogados não... Pelo que percebi, o meu pai tinha bares pouco recomendáveis no México.

Delphine – Foi assim que ele te disse? «Bares pouco recomendáveis»?

Frédéric – Foi o que percebi. Seja como for, vou recusar a herança.

Delphine – Está bem... Tens a certeza?

Frédéric – De quê?

Delphine – De que queres recusar a herança.

Frédéric – Não quero complicações. E, sobretudo, não quero aquele dinheiro.

Delphine – É muito dinheiro?

Frédéric – Não sei... Ele não disse.

Delphine – E não perguntaste?

Frédéric – Acabara de me dizer que o meu pai morreu...

Delphine – Desculpa. Como disseste que isso não te afetava muito... Foi uma estupidez da minha parte. Ninguém fica completamente indiferente à morte do pai.

Frédéric – Não me disse o valor da herança. Mas, pelo que sei do meu pai, deve trazer mais problemas do que dinheiro.

Delphine – Pensa bem. Recusar a herança do teu pai não é apenas uma questão de dinheiro. Também tem um lado simbólico...

Frédéric – Ah, sim? Falava disso com o meu psicanalista, mas não tenho dinheiro para um.

Delphine – Precisamente... Dinheiro não é coisa que nos sobre.

Frédéric – Temos o suficiente para viver.

Delphine – Se tu o dizes.

Frédéric – Desde que tenhamos dinheiro para comprar batatas...

Delphine – Tu é que decides... É o teu pai...

Frédéric – Exato... É o meu pai...

Delphine – E a tua irmã?

Frédéric – Também foi visitá-la.

Delphine – Então não devemos tardar a ter notícias dela.

Frédéric – Esta noite, de certeza que não. Deve estar muito abalada com tudo isto...

Delphine – Não queres telefonar-lhe?

Frédéric – Para lhe dizer o quê?

Delphine – Não sei... Bem... Vamos jantar.

Tocam à campainha.

Frédéric – Eu que pensava passar uma noite tranquila...

Delphine vai abrir. Regressa com Vanessa, irmã de Frédéric.

Vanessa – Então, já o viram?

Delphine – Acabou de sair. Podias ter-te cruzado com ele...

Vanessa *(muito excitada)* – Isto é incrível! Parece que vi o Pai Natal. Tenho de me beliscar para ter a certeza de que não estou a sonhar.

Frédéric – Olá, Vanessa. Suponho que o teu Pai Natal é aquele advogado mexicano que acaba de nos anunciar a morte do nosso pai.

Vanessa – Não é mais uma das tuas brincadeiras, pois não?

Frédéric – Não, não. Podes estar descansada. Não é uma brincadeira. O pai morreu mesmo...

Vanessa *(recompondo-se um pouco)* – É verdade... Apesar de tudo, era o nosso pai...

Delphine – Queres beber alguma coisa? Café?

Vanessa – Obrigada, já estou suficientemente excitada...

Frédéric – Um chá «Noite Tranquila»?

Vanessa – Bem, toda a gente o julgava morto há muito. No fundo, é só uma confirmação.

Delphine – Portanto, chá também não...

Vanessa – Parece que nem funeral houve. É incrível...

Frédéric – Porquê? Terias ido?

Vanessa – E tu?

Frédéric – Não sei. O México é longe...

Vanessa – Bom... Morreu, morreu... Mas falou-te da herança?

Frédéric – Sabes que eu, o dinheiro...

Vanessa – Sim, claro... Podemos não nos interessar por dinheiro, mas estamos a falar de dez milhões de euros...

Delphine – Desculpa?

Vanessa – Ele não te disse?

Frédéric – Não foi tão preciso. E eu não pedi pormenores...

Vanessa – Isso dá uns cinco milhões a cada um.

Frédéric – Não te entusiasmes tanto... Receio que não seja assim tão simples...

Vanessa – Mesmo que haja algumas formalidades e tenhamos de esperar um pouco pelo dinheiro...

Frédéric – Não é disso que estou a falar...

Vanessa – Então de quê?

Frédéric – Falou de negócios mais ou menos legais no México. E acredita que, para uma atividade ser considerada ilegal no México, não estamos a falar de uma simples fraude fiscal.

Vanessa – Garantiu-me que aquele dinheiro era perfeitamente legal. Que o tinha investido em imóveis em Paris...

Frédéric – Continua a ser dinheiro sujo. Isso não te incomoda?

Vanessa – Dinheiro é dinheiro. E o dinheiro não tem cheiro.

Frédéric – Ah, está bem... Se começamos a citar a sabedoria popular...

Vanessa – Não concordas, Delphine?

Delphine – É o vosso pai... São vocês que têm de decidir o que fazer com o dinheiro...

Vanessa – O dinheiro... Vai e vem. Desde que agora esteja limpo...

Frédéric – Isso chama-se branqueamento de capitais...

Vanessa – O dinheiro circula! Quem te garante que o dinheiro que tens no bolso nunca serviu para comprar droga?

Frédéric – Tens razão... A própria natureza do dinheiro é ser sujo. Acho que Freud até dizia que era merda. É por isso que evito tê-lo no bolso.

Vanessa – Ah, é verdade, tinha-me esquecido... O senhor é um artista... O senhor está acima dessas coisas...

Frédéric – Nem todos podem viver da especulação imobiliária, como o teu querido marido...

Vanessa – Porque a arte não é um mercado, por acaso? Pelo menos para os artistas que conseguem vender os quadros...

Delphine – Talvez fosse melhor acalmarmo-nos um bocadinho, não?

Vanessa – Eu não recusava cinco milhões. Venham de onde vierem. É o nosso pai, afinal. Não se pode dizer que tenha cuidado muito de nós. Temos direito a uma pequena compensação...

Frédéric – O nosso pai? Não sabemos nada da vida dele. Ainda menos dos negócios. E quanto àquele suposto advogado mexicano...

Vanessa – Não veio pedir-nos dinheiro. Veio dar-nos dinheiro!

Frédéric – Quando se aceita uma herança, aceita-se o ativo e o passivo. Neste caso, duvido que o ativo compense o passivo. Em todos os sentidos da palavra...

Delphine – Podem sempre aceitar a herança a benefício de inventário...

Vanessa – Ela tem razão... Nada nos impede de consultar um notário.

Frédéric – Acham mesmo que um notário dos arredores vai saber dizer-nos se devemos aceitar a herança de um mafioso mexicano?

Delphine – Um mafioso... Não estarás a exagerar um bocadinho?

Frédéric – E o teu marido, o que acha disso?

Vanessa – O Marc? Ainda não lhe falei. Queria ter a certeza.

Frédéric – Do valor da herança?

Vanessa – De que não estou a sonhar!

Frédéric – Bem, obrigado pela visita, Vanessa. É verdade que raramente nos honras com a tua presença...

Vanessa – Podia dizer-te o mesmo. Há quanto tempo não vês os teus sobrinhos?

Delphine *(para desanuviar)* – Não queres ficar para jantar connosco?

Frédéric – Fizemos batatas... Deve ser uma novidade para ti... Duvido que comas muitas... Verás como são boas, quando estão bem feitas.

Vanessa *(a Delphine)* – Obrigada, és muito simpática, mas acho que não conseguiria comer nada. E tenho de ir. O Marc e as crianças devem estar à minha espera. Falamos amanhã, está bem?

Frédéric – Pois... Boa noite. E bons sonhos...

Vanessa – Isto é incrível... Dez milhões...

Vanessa sai.

Delphine *(irónica)* – Tinhas razão. Parece mesmo destroçada com a morte do pai...

Frédéric – Não compreendo... Ela nem precisa de dinheiro... O marido ganha mais num mês do que nós dois em dois anos.

Delphine – O marido, sim...

Frédéric – Ela nem precisa de trabalhar!

Delphine – Precisamente... Talvez queira ter dinheiro seu. Para depender menos do marido.

Frédéric – Se tivesse cinco milhões, nem saberia o que fazer com eles.

Delphine – Cinco milhões, também não. Mas com cinco mil euros, sabia muito bem. Quanto ao resto, teríamos tempo para pensar... Havíamos de encontrar ideias...

Frédéric – Sim? Como quais?

Delphine – Não sei... Pagar o empréstimo da casa, para começar. Para o banco deixar de levar metade do meu salário todos os meses... E sobrar alguma coisa para pôr manteiga nas batatas...

Frédéric – Cuidado, a manteiga engorda.

Delphine – Perdi três quilos no último ano e nem reparaste. Pensa bem, Frédéric. Cinco milhões mudavam a nossa vida.

Frédéric – Para melhor, tens a certeza? *(Irónico.)* Citando os grandes provérbios, como a minha irmã, lembro-te que «o dinheiro não traz felicidade»...

Delphine – O que é que te incomoda tanto na ideia de ter uns milhões? Se tentas vender os teus quadros, é para ganhar dinheiro.

Frédéric – Dinheiro ganho por mim, sim. Mas não me vejo a viver do dinheiro de um homem que sempre desprezei. Tenho esse direito, não tenho? Além disso, não precisamos de dinheiro.

Delphine – Fala por ti...

Frédéric – Desculpa?

Delphine – Tu não precisas de dinheiro. Sou eu que pago as contas!

Frédéric – Está bem... Já cá faltava...

Delphine – Se tens uma boa razão para recusar esse dinheiro, diz-me. Se for uma coisa séria, eu compreendo.

Frédéric – Não fui uma criança maltratada, se é isso que insinuas... Nem fui vítima de abusos sexuais... O meu pai abandonou-nos. Não quero nada que venha dele. É tudo. Não somos felizes os dois?

Delphine – Sim...

Frédéric – Esse dinheiro não nos traria nada de bom, acredita. Nada que venha do meu pai nos pode trazer alguma coisa de bom.

Delphine – Sei que tudo isto é difícil para ti. Mas hoje peço-te que penses um bocadinho em mim.

Frédéric – Em ti?

Delphine – Tu realizaste o teu sonho, Frédéric. És pintor.

Frédéric – Sim... Graças a ti, bem sei...

Delphine – Se eu já não tivesse de trabalhar...

Frédéric – Julgava que gostavas de dar aulas. Que te sentias útil...

Delphine – Gostava... Mas sinto-me cada vez menos útil. Dar aulas nos subúrbios tornou-se muito difícil. Não digo que seja inútil, mas não me importava de passar o testemunho a outra pessoa. Para finalmente fazer aquilo que me apetece. Pelo menos tentar...

Frédéric – Como o quê?

Delphine – Achas que sou incapaz de ter desejos meus, é isso?

Frédéric – Claro que não! Só quero saber o que farias se já não tivesses de trabalhar!

Delphine – Não sei... Talvez começasse a escrever...

Frédéric – Não sabia que querias escrever... Nunca me disseste nada...

Delphine – Porque, até agora, dois artistas na mesma casa era pelo menos um a mais...

Silêncio.

Frédéric – Está bem. Prometo pensar nisso...

Delphine – Obrigada...

Frédéric – Mas não prometo mudar de ideias...

Escuro.

CENA 2

Frédéric pinta, desta vez sem música. O telefone toca. Atende a contragosto.

Frédéric – Sim...? Banco Crédito Solidário? Ah, sim... Temos conta aí, claro... E um empréstimo a trinta anos... Não percebo... Deve ser um erro... Sei que o banco nunca se engana... Não, não, claro... Vou falar com a minha mulher, é ela que trata dessas coisas... E ela volta a ligar, sim... Obrigado. Feliz Natal para si também...

Suspira, preocupado, e volta a pintar. Tocam à campainha. Vai abrir, visivelmente contrariado, e regressa com Carlos, que traz uma pasta numa mão e um saco de papel na outra.

Frédéric – Parece que não conseguimos livrar-nos um do outro...

Carlos – Comprei umas chouquettes na padaria aqui em baixo. Aquelas bolinhas de massa doce cobertas de açúcar. Tinham tão bom aspeto que não resisti... *(Oferece-lhe o saco.)* Quer?

Frédéric – Acha mesmo que me compra com umas chouquettes?

Carlos – Não venho cá para o comprar, Frédéric. Venho oferecer-lhe cinco milhões, sem pedir nada em troca.

Frédéric pega no saco de papel e pousa-o na mesa, junto à máquina de café.

Frédéric – Suponho que agora tenho de lhe oferecer um café em troca, não é?

Carlos – Em troca dos cinco milhões? Sabia que Paris era cara, mas esse seria o café mais caro da minha vida.

Frédéric – Bom, quer um café ou não?

Carlos – Não digo que não... Já que oferece...

Frédéric serve-lhe café. Sentam-se, pegam cada um numa chouquette e começam a comer.

Frédéric – Obrigado pelas chouquettes...

Carlos – Há anos que não comia uma...

Frédéric – No México não há chouquettes?

Carlos come uma chouquette.

Carlos – São a minha madalena de Proust... Trazem-me tantas recordações...

Frédéric – Então já viveu em França... Aliás, fala francês melhor do que eu. O que o levou também ao México?

Carlos – Conto-lhe a minha vida noutra altura... Agora estamos a falar do seu pai.

Frédéric – Estou a ouvir...

Carlos – Preciso de saber a sua decisão. A sua irmã, como sabe, decidiu aceitar a herança.

Frédéric – E se eu a recusar?

Carlos – A totalidade ficará para ela.

Frédéric – E ela não quer saber de onde vem o dinheiro?

Carlos – Dei-lhe todas as garantias necessárias. A ela e ao notário. Está tudo regularizado perante o fisco francês.

Frédéric – Se o senhor o diz... Mas não é isso que perguntei. O dinheiro agora pode ser legal, mas de onde veio? Preciso de saber...

Carlos – A sua irmã não tem tantos escrúpulos como o senhor.

Frédéric – Prefiro tomar isso como um elogio...

Carlos – E o seu cunhado também não...

Frédéric – É promotor imobiliário... E sabe que os promotores imobiliários nem sempre são exemplos de virtude. De onde vem o dinheiro?

Carlos – Já lhe disse. O seu pai tinha bares.

Frédéric – Não goze comigo. Ninguém ganha dez milhões em vinte anos a vender tequila aos mexicanos.

Carlos – Vou ser franco consigo... Os bares do seu pai também tinham... bailarinas de striptease.

Frédéric – Striptease? Muito bem... Portanto, o meu pai tinha bordéis e eu sou filho de um proxeneta.

Carlos – É uma maneira de ver as coisas.

Frédéric – Não é a sua?

Carlos – É um pouco como na pintura, sabe? À distância, as coisas parecem muito simples. Quando nos aproximamos, percebemos que são mais complexas.

Frédéric – Obrigado por essa lição de perspetiva... Mas disse-me que o meu pai tinha problemas com a justiça. Suponho que, no México, não se importunam as pessoas só por lenocínio. Será que vendia mais alguma coisa além de mulheres e álcool nos bordéis?

Carlos – De facto, fornecia a alguns clientes substâncias menos legais...

Frédéric – Portanto, também era traficante de droga.

Carlos – Eu diria antes que era um pequeno retalhista. Fui franco consigo. Mas é melhor não saber mais.

Frédéric – Ah, porque ainda há mais?

Carlos – O seu pai não era o monstro que imagina.

Frédéric – Acaba de me dizer que era proxeneta e traficante. Por mera curiosidade, o que é para si um monstro?

Carlos – Aqueles bordéis já existiam antes de Charles tomar conta deles. A prostituição é a profissão mais antiga do mundo. E o tráfico de droga também não esperou pelo seu pai para prosperar no México. Ele não inventou nada...

Frédéric – Repito a pergunta: há mais alguma coisa que deva saber?

Carlos – É verdade que o seu pai teve problemas com a justiça. Chegou a estar preso. E estava prestes a voltar para a cadeia quando morreu naquele acidente de avião.

Frédéric – Porquê?

Carlos – Foi acusado de homicídio. Com os antecedentes que tinha, arriscava prisão perpétua...

Frédéric – Um erro judiciário, suponho.

Carlos – O seu pai nunca matou ninguém a sangue-frio, garanto-lhe.

Frédéric – Isso tranquiliza-me muito. Então era apenas um homem de temperamento explosivo?

Carlos – O que precisa de saber é que Charles abandonou os negócios no México e reinvestiu o capital em apartamentos de luxo em Paris e Londres. Agora todos os investimentos são legais. Eu próprio tratei disso.

Frédéric – Mas continua a ser dinheiro sujo.

Carlos – Limpo, sujo... Não devemos julgar demasiado depressa as pessoas. Sobretudo os pais. Julgamos conhecê-los melhor do que ninguém, mas, afinal... *(Aproxima-se do cavalete e aponta para a tela.)* Só conhecemos a face que nos mostram. A parte visível do seu icebergue interior...

Frédéric – Não sei nada do meu pai... Nem sequer me lembro do rosto dele...

Carlos – Mais uma razão para não o condenar pelas aparências.

Frédéric – O meu único luxo é poder olhar-me ao espelho de manhã sem sentir vergonha. Não quero abdicar disso por cinco milhões de euros.

Carlos – Ninguém pode obrigá-lo a aceitar a herança. Mas penso que cometia um erro ao recusá-la. Um erro de que se iria arrepender, mais tarde ou mais cedo...

Frédéric – Isso é uma ameaça?

Carlos – É um conselho de amigo. Se recusar a sua parte, a totalidade vai para a sua irmã. Só isso.

Frédéric – E contou-lhe tudo isto?

Carlos – Ela deixou bem claro que preferia não saber.

Frédéric – Estou a ver...

Carlos levanta-se para sair.

Carlos – Deixo-o pensar até amanhã. Depois tenho de partir...

Frédéric – Como quiser. Mas, depois do que me contou, acha mesmo que vou mudar de ideias?

Carlos volta a admirar o quadro.

Carlos – É realmente muito bonito o que está a pintar...

Frédéric – Obrigado...

Carlos – E aquele rosto lembra-me vagamente uma pessoa que conheci...

Frédéric – Ah, sim...?

Carlos – Tem muito talento. Um artista como o senhor só devia preocupar-se com a arte. Creio que era isso que o seu pai desejava.

Frédéric – Foi ele que lhe disse isso?

Carlos – Obrigado pelo café.

Carlos sai. Frédéric fica perplexo. Delphine chega.

Frédéric – Então, como correram as aulas?

Delphine – A rotina... Quarenta alunos por turma... Temos de nos lembrar do nome de todos. E dos problemas de cada um. Sem falar dos colegas... Jovens acabados de sair da universidade, que temos de tentar não desanimar, quando nós próprios já mal conseguimos continuar a acreditar.

Frédéric – Não tens um trabalho fácil, eu sei... Mas, se nem tu acreditas...

Delphine – Acredito, Frédéric... No dia em que deixar mesmo de acreditar, já não conseguirei continuar.

Frédéric – Tenho medo de que um dia deixes de acreditar em mim...

Delphine – Isso nunca vai acontecer, descansa.

Frédéric – Afinal sou como esses alunos todos. Também preciso de alguém que acredite em mim. Sem ti, já tinha desistido...

Abraçam-se brevemente.

Delphine – E o teu dia?

Frédéric – Nada de especial...

Delphine – Bem...

Frédéric – Ah, sim... Telefonaram do Banco Crédito Solidário.

Delphine – Eu sei... Também me ligaram para o telemóvel...

Frédéric – Há algum problema?

Delphine – Não conseguiram cobrar a prestação deste mês. Estamos a descoberto...

Frédéric – E ainda só vamos a meio do mês...

Delphine – Sim... Vinte de dezembro... Mas como te recusas obstinadamente a acreditar no Pai Natal...

Frédéric – Se ao menos conseguisse vender um quadro. Um só...

Delphine – Vou voltar a dar umas explicações.

Frédéric – Eu também podia dar.

Delphine – Aulas de pintura?

Frédéric – Sim, claro. Não hão de ser de matemática...

Delphine – E achas que arranjavas alunos?

Frédéric – Posso pôr anúncios na padaria.

Delphine – Mas assim tinhas menos tempo para pintar...

Frédéric – Hei de arranjar maneira.

Uma pausa.

Delphine – Cruzei-me com o advogado quando cheguei.

Frédéric – Ah, sim...

Delphine – E...?

Frédéric – Nada. Trouxe-me umas chouquettes. Ainda há algumas, queres? São ótimas...

Delphine – Não achas que aquela herança podia resolver todos os nossos problemas?

Frédéric – Estivemos a falar. Contou-me como o meu pai fez fortuna.

Delphine – Como?

Frédéric – O dinheiro vem da droga e da prostituição. O meu pai esteve preso e, se não tivesse morrido no acidente de avião, arriscava prisão perpétua. Por homicídio...

Delphine – Estou a ver...

Frédéric – Sinto que vem aí um «mas»...

Delphine – Mas, no fim de contas, o que está feito está feito. Imagina que tinhas ganho a lotaria! Aceitavas o dinheiro?

Frédéric – Claro.

Delphine – Então?

Frédéric – O dinheiro da lotaria não vem da droga nem da prostituição.

Delphine – Para muitos dos mais desfavorecidos deste país, o jogo da lotaria é uma droga. Esse dinheiro vem de trabalhadores que ganham o salário mínimo e todos os meses deixam parte do ordenado nos jogos da Française des Jeux, a lotaria francesa, na esperança de enriquecer. E vão ficando cada vez mais pobres, porque gastam esse dinheiro em apostas em vez de encher o frigorífico da família ou pagar as refeições dos filhos na escola! Achas isso melhor? É esse dinheiro sujo que alguns sortudos embolsam todas as semanas. Em que mundo vives, Frédéric?

Frédéric – Sabes muito sobre a lotaria... Mas tu não jogas...

Delphine – Como é que sabes?

Frédéric – Jogas na lotaria?

Delphine – Às vezes.

Frédéric – Nunca me disseste.

Delphine – Estás a ver? Afinal, também eu tenho o meu lado misterioso.

Frédéric – Desculpa.

Delphine – Desculpa porquê?

Frédéric – Por a minha mulher ter de jogar na lotaria para conseguir pagar a prestação da casa.

Delphine – Apostei em ti, Frédéric.

Frédéric – E perdeste.

Delphine – Não, ganhei. Sei que tens talento.

Frédéric – Falta convencer os outros.

Delphine – Vamos conseguir. Mas, para isso, tens de continuar a pintar. Não podes perder tempo a dar aulas de desenho a adolescentes e reformados.

Frédéric – Não posso fazer isso.

Delphine – O quê?

Frédéric – Aceitar o dinheiro.

Delphine – E para onde vai o dinheiro, se não o aceitares?

Frédéric – Para a minha irmã... Mas ela também não o vai aceitar.

Delphine – Achas?

Frédéric – Quando souber de onde vem, recusa a herança, tal como eu.

Delphine – Queres apostar?

Frédéric – E o que te ofereço se perder a aposta?

Delphine – Não sei... Cinco milhões?

Escuro.

CENA 3

O mesmo cenário. Frédéric está com Vanessa, mais excitada do que nunca.

Vanessa – Isto é incrível! O pai, dono de bordéis na América do Sul! Parece um filme...

Frédéric – Pois... Um filme noir...

Vanessa – Isto é incrível...

Frédéric – Cuidado, Vanessa, dizes isso de duas em duas frases.

Vanessa – O quê?

Frédéric *(imitando-a)* – «Isto é incrível!»

Vanessa – Ah, também achas. Era precisamente o que eu estava a dizer...

Frédéric – Pois...

Vanessa – Hás de reconhecer que isto não acontece todos os dias.

Frédéric – Não pareces muito abalada por saberes que o teu pai era proxeneta e traficante de droga.

Vanessa – A mãe sempre o pintou como um falhado. Afinal, até teve sucesso.

Frédéric – Desculpa? Sucesso em quê?

Vanessa – Em juntar uma fortuna! É como se me tivesse saído a lotaria!

Frédéric – Não me venhas também com a lotaria...

Vanessa – É quase a mesma coisa, não achas? Dinheiro que nos cai do céu.

Frédéric – Estamos a falar da morte do nosso pai, não estamos?

Vanessa – Sim, pronto... Não o víamos há anos. E tu mal o conheceste. Não vamos desatar a chorar, pois não?

Frédéric – Não me digas que vais aceitar a herança!

Vanessa – Estás a brincar? Porque é que não havia de aceitar?

Frédéric – É dinheiro da droga! Da prostituição! Do crime!

Vanessa – O Carlos disse-nos que, quanto ao crime, foi um erro...

Frédéric – Mesmo assim, é dinheiro sujo!

Vanessa – Era, talvez. Agora está limpo. Mas faz o que quiseres...

Frédéric – Não percebo. Tu não precisas de dinheiro, pois não?

Vanessa – E como é que sabes?

Frédéric – Vives numa enorme casa burguesa. Tens dois carros, um apartamento na montanha, uma casa à beira-mar...

Vanessa – Isso é dinheiro do Marc.

Frédéric – Vocês são casados, não são?

Vanessa – Nunca há dinheiro a mais. Nem toda a gente nasceu para a vida de boémia, como tu. E o que acha a Delphine de tudo isto?

Frédéric – Deixa a Delphine fora disto... E o Marc, o que diz?

Vanessa – Para ele, dinheiro é dinheiro... Não quer saber de onde vem, desde que esteja tudo dentro da lei...

Frédéric – Portanto, vais aceitar...

Vanessa – E de que maneira! Sem hesitar...

Frédéric – Se fizeres isso, nunca mais nos vemos.

Vanessa – Quase não nos víamos, de qualquer modo... Faz como quiseres...

Frédéric – Muito bem. Então sai daqui e entende-te com a tua consciência...

Vanessa – Se não estivesses tão cego pelo orgulho, percebias que também há pessoas à tua volta que não estão bem.

Frédéric – Para, ainda me fazes chorar. E não me digas que vais doar o dinheiro a associações...

Vanessa – Não quero enriquecer à tua custa. Por isso, prometo que, se a tua parte da herança acabar por vir para mim, a entrego a uma associação.

Frédéric – A sério? E qual, já agora?

Vanessa – Uma associação de combate à violência contra as mulheres... Porque não?

Vanessa sai. Frédéric fica por momentos atónito, sem perceber bem o que aconteceu. Delphine chega.

Frédéric – Estavas aqui?

Delphine – Sim, moro aqui. E não estava a escutar atrás da porta, se é isso que pensas.

Frédéric – Não disse isso. Mas, pelos vistos, ouviste tudo...

Delphine – Sim... Depois de renegares o pai, vais renegar também a tua irmã?

Frédéric – Nunca a tinha visto assim. Estou desiludido...

Delphine – Pois... Acho que não conheces bem a tua irmã.

Frédéric – Ah, não?

Delphine – Passas a vida a pintar rostos, a tentar desvendar-lhes o mistério. Mas alguma vez olhaste bem para os rostos das pessoas que tens à tua volta?

Frédéric – Parece-me que sim...

Delphine – Se olhasses, tinhas reparado nas marcas que a tua irmã tem na cara...

Frédéric – Que marcas?

Delphine – Esquece...

Frédéric – Não quero ser como ela, só isso. É assim que nos imaginas?

Delphine – Como?

Frédéric – A viver à grande com o dinheiro de um mafioso?

Delphine – Quer queiras quer não, esse mafioso era o teu pai.

Frédéric – Não posso mudar isso, é verdade, mas não tenho de aceitar o dinheiro dele.

Delphine – Já não é dinheiro dele. Ele morreu! É só dinheiro. Se não o aceitares, fica todo para a tua irmã. Se ela não o aceitar, vai para outra pessoa. E se ninguém o quiser, acaba nas mãos do Estado... Do Estado mexicano!

Frédéric – Talvez precise mais dele do que nós.

Delphine – Nós temos prestações para pagar... Não tenho escolha. Vou pedir à minha mãe que me adiante o dinheiro. E ela não é milionária...

Frédéric – Conseguias viver numa casa comprada com dinheiro da prostituição? Tu és professora! Julgava que isso implicava alguma moral...

Delphine – E tu falas-me de moral? Os poucos quadros que vendes são para burgueses decorarem as salas. E aquele misterioso colecionador russo? Sabes de onde vem o dinheiro dele? Pediste-lhe provas da origem da fortuna? Um russo... A máfia também existe na Rússia, não existe?

Frédéric – Talvez, mas ele não é meu pai.

Delphine – Que eu saiba, não dedicas os teus tempos livres a causas humanitárias. Isso é ser um artista comprometido? Vender o talento a quem pode pagar não é também uma forma de prostituição?

Frédéric – Então chama-me prostituta!

Delphine – Sou eu que trabalho para te sustentar!

Frédéric – Então chama-me chulo...

Delphine – És um moralista, Frédéric. Mas não és melhor do que os outros. Se aceitasses o dinheiro, eu já não tinha de trabalhar.

Frédéric – Julgava que trabalhavas por vocação!

Delphine – Digamos que já satisfiz essa paixão e agora gostava de fazer outra coisa. E tu também já não tinhas de...

Frédéric – Pintar?

Delphine – Perder tempo à procura de clientes!

Frédéric – Está bem, tens razão, aceito o dinheiro. Mas aviso-te de que é meu. Portanto, serás tu a viver à minha custa. Depois veremos qual de nós é a prostituta.

Delphine – Não te darei esse prazer. Podes pagar quantas prostitutas quiseres. Vou-me embora.

Ela sai.

Escuro.

CENA 4

Frédéric dormita no sofá. Tocam à campainha. Acorda e vai abrir, cheio de esperança, mas regressa desiludido com Vanessa.

Vanessa – Desculpa, estou a incomodar?

Frédéric – Só estou surpreendido. Julgava que te tinha dito que nunca mais te queria ver...

Vanessa – Vim precisamente pedir-te desculpa... Bem, tentar fazer as pazes. A Delphine não está?

Frédéric – Foi-se embora...

Vanessa – Foi-se embora? Queres dizer...?

Frédéric – Deixou-me.

Vanessa – Lamento... Não será por... Mas, claro, ninguém abandona um homem que acabou de herdar cinco milhões.

Frédéric – Se tu o dizes...

Vanessa – A menos, claro, que esse idiota recuse a herança.

Frédéric – Voltaste para me insultar? Acho que não compreendeste bem a palavra «reconciliação»...

Vanessa – Não te preocupes, ela volta... Se quisesse deixar-te, já o teria feito há muito. Quer dizer...

Frédéric – O que é que queres dizer?

Vanessa – Que, para ter ficado contigo até hoje, tem mesmo de te amar.

Frédéric – Também não sei como devo interpretar isso...

Vanessa – Fred, não tens um tostão. E és insuportável.

Frédéric – Bem, agora que já fizemos as pazes, se não tens mais nada para me dizer...

Vanessa – Desculpa. Estou... um bocado perturbada.

Frédéric – O que querias, afinal?

Vanessa – Queria saber se posso dormir aqui...

Frédéric – Desculpa?

Vanessa – Só esta noite.

Frédéric – O que se passa?

Vanessa – Também discuti com o Marc...

Frédéric – Realmente... Estás a ver? O dinheiro não traz felicidade...

Vanessa – Então concedes-me direito de asilo?

Frédéric – Está bem... Mas só por esta noite...

Vanessa – Obrigada... *(Uma pausa. Sentem-se constrangidos.)* Apetecia-me beber uma coisa forte. E a ti?

Frédéric – Tens razão. Vamos afogar as mágoas em álcool.

Vanessa – Tens tequila?

Frédéric – Vais rir-te, mas tenho.

Vanessa – Vamos acabar a garrafa.

Frédéric – Não corremos o risco de ficar bêbedos. Só resta um fundinho. A garrafa está aqui há tanto tempo que até me pergunto se o álcool já não terá evaporado.

Vanessa – E o que fica numa garrafa de tequila quando todo o álcool se evapora?

Frédéric – Não faço ideia... Bebemos e logo vemos.

Divide o resto da garrafa por dois copos.

Vanessa – Ah, casados ainda este ano!

Frédéric – Já somos casados.

Vanessa – Divorciados até ao fim do ano, então...

Frédéric – Obrigado, isso anima-me imenso.

Brindam.

Vanessa – Salud!

Frédéric – Salud...!

Bebem de um trago.

Vanessa – Não tens mais nada?

Frédéric – Tenho vodka. Também resta um fundo de garrafa.

Volta a encher os copos. Brindam novamente.

Vanessa – Sabes como se diz «saúde» em russo?

Frédéric – Não, mas talvez me lembre depois de mais uns copos. *(Volta a encher os copos.)* Esta também acabou. Acho que ainda tenho um resto de whisky. E raki. E um conhaque velho.

Vanessa – Há quanto tempo estão aqui estas garrafas?

Frédéric – Já cá estavam quando comprámos o apartamento...

Vanessa – Vamos acabar com tudo. Tequila, vodka, whisky, raki, conhaque...

Frédéric – Vai ser a bebedeira mais internacional da história da bebedeirologia.

Vanessa – Faz-me lembrar a juventude. Quando queria beber, tirava um bocadinho de cada garrafa lá de casa, para a mãe não dar por nada.

Frédéric – Eu também nunca dei por nada.

Vanessa – Tu nunca dás por nada. É o teu traço de personalidade.

Frédéric – Ah, sim? Então é assim que me vês?

Vanessa – Eu prefiro não saber como me vês...

Frédéric – Talvez tenhas razão... Um pouco de hipocrisia nas relações sociais não faz mal a ninguém.

Vanessa – Sobretudo nas relações familiares.

Frédéric – Não estou habituado a beber assim.

Vanessa – Mas sabe bem, não sabe?

Frédéric – Sabe...

Vanessa – Então não pensemos na ressaca de amanhã de manhã... Estragava-nos o prazer...

Frédéric – As coisas que nunca faríamos na vida se pensássemos nas consequências...

Vanessa – Ter filhos, por exemplo.

Frédéric – Deve ser por isso que nunca tive filhos.

Vanessa – Sim... Mas tu pensas demasiado. É esse o teu problema.

Frédéric – E tu pensas de menos. Fazemos a média.

Vanessa – Há quanto tempo não apanhamos uma bebedeira juntos?

Frédéric – Nunca apanhámos uma bebedeira juntos.

Vanessa – É pena. Isso teria facilitado imenso as nossas relações familiares. É muito difícil zangarmo-nos com alguém que já nos viu vomitar para cima dos próprios joelhos.

Frédéric – Se puderes, avisa-me com alguma antecedência. A Delphine estima muito o tapete. Herdou-o da avó...

Vanessa – Entretanto, serve-me mais um.

Frédéric – Está bem... O que bebemos?

Vanessa – Temos por onde escolher, não temos?

Parece hesitar diante de todas aquelas garrafas.

Frédéric – Não sei...

Vanessa – O quê?

Frédéric – Se temos mesmo escolha.

Vanessa – Não importa o frasco, desde que no fim vomitemos.

Frédéric – Não, quero dizer... A escolha. O destino, estás a ver?

Vanessa – O destino?

Frédéric – Será que somos realmente livres de escolher, ou está tudo escrito de antemão?

Vanessa – Bom, serves-me ou quê, caramba?

Enche os copos enquanto continua a refletir.

Frédéric – Se pudéssemos reviver a vida sabendo aquilo que sabemos agora, será que voltaríamos a viver tudo da mesma maneira?

Vanessa – Queres dizer: será que escolheríamos voltar a viver tudo da mesma maneira?

Frédéric – Imagina que acordas uma manhã e voltaste aos quinze anos. Como se tudo o que viveste depois fosse apenas um sonho. E tivesses de começar de novo.

Vanessa – Já começo a ficar com dor de cabeça.

Frédéric – Será que escolheríamos de outra maneira? Que tentaríamos outro caminho? E será que essa outra vida que escolhêssemos seria melhor ou pior?

Vanessa – Não sei...

Frédéric – E se, ao tentarmos fazer o contrário dos nossos erros, cometêssemos outro erro?

Vanessa – Tenho mesmo de responder?

Frédéric – Ou melhor: será que, na vida, conseguimos fazer alguma coisa para além de cometer erros?

Vanessa – Acho que vou vomitar.

Frédéric – Foi a gota de raki que fez transbordar o copo ou foram as minhas considerações filosóficas?

Vanessa – Acho que foi a mistura das duas coisas... Vou tomar um duche e deitar-me.

Frédéric – Está bem... Boa noite, então...

Vanessa sai. Frédéric serve-se de outro copo. Delphine chega. Ele só repara nela passado um instante e sobressalta-se. Está bastante embriagado.

Frédéric – Não te ouvi chegar.

Delphine – Vim só buscar umas coisas...

Frédéric – Está bem...

Delphine – Estiveste a beber?

Frédéric – Estive...

Delphine – Tu nunca bebes.

Frédéric – Há uma primeira vez para tudo. Queria mostrar-te que podemos sempre mudar. Sobretudo para pior...

Delphine – Lamento que tenhamos chegado a este ponto...

Frédéric – A culpa foi minha... Perdoa-me. Peço desculpa.

Delphine – Estamos a magoar-nos. Sem necessidade. Quando temos tudo para ser felizes.

Frédéric – Tudo menos dinheiro, pelos vistos. Mas faço o que tu quiseres.

Delphine – Amo-te. És tu que eu quero. Não aquele maldito dinheiro...

Preparam-se para se beijar, mas ouve-se alguém a vomitar. Delphine repara nos copos.

Delphine – Não estavas sozinho?

Frédéric – Estava... Quer dizer, não...

Ouve-se o autoclismo. Depois, o chuveiro.

Delphine – Está alguém na casa de banho? Bem, não perdeste tempo a substituir-me!

Frédéric – Mas que ideia é essa? Além disso, onde havia de encontrar alguém para te substituir tão depressa? A não ser que pagasse...

Delphine – Desta vez não te safas com um jogo de palavras. Hoje não estou com disposição para brincadeiras.

Frédéric – É a minha irmã.

Delphine – Estás a gozar comigo? Há duas horas juravam nunca mais falar um com o outro e agora vem cá tomar um duche? Ficou sem água em casa?

Novo ruído de vómito.

Frédéric – Ao que parece, veio sobretudo para vomitar... Discutiu com o Marc...

Delphine – E vem diretamente para nossa casa?

Frédéric – Adoro ver-te com ciúmes... Embora não te fique muito bem. Essa expressão na cara... Só te falta espumar pela boca. Parece que vais morder alguém.

Delphine – Vou ver quem está na casa de banho. Se não for a tua irmã, isto pode acabar num crime passional.

Frédéric – Enrolamos o cadáver na cortina do duche e ajudo-te a desfazer-te dele...

Vanessa entra.

Vanessa – Se estão a falar de mim, não se preocupem. Talvez não deva aceitar a vossa hospitalidade, afinal...

Delphine – Boa noite, Vanessa... Não, fica descansada. Estávamos a falar da amante do Frédéric.

Vanessa – Ah, está bem...

Frédéric – Que não existe, garanto-te...

Delphine – Pensei que eras tu quem tinha vindo substituir-me.

Vanessa – Desculpem aparecer assim, sem avisar. Vou-me embora.

Delphine – Não, fica. Hoje não podes voltar para lá...

Frédéric – E se ele aparecer aqui? Estou tão bêbedo que ainda sou capaz de lhe querer bater. E neste estado, duvido que ganhasse...

Vanessa – Ele não sabe que estou aqui, não se preocupem... Bem, vou deitar-me. Devem ter muito que conversar...

Delphine – Boa noite, Vanessa... E cuidado com o tapete do quarto...

Vanessa sai.

Frédéric – Este dinheiro já quase destruiu dois casais.

Delphine – No caso da tua irmã, não me parece que seja por causa do dinheiro.

Frédéric – Então porquê?

Delphine – Não sei...

Frédéric fica pensativo por momentos.

Frédéric – Quando o meu pai morreu, era procurado por homicídio...

Delphine – Perdoa-me. Tens razão. Vais recusar a herança. Fico contigo, tal como és. Com a tua integridade.

Frédéric – Já nem sei onde estou. Mal conheci o meu pai. Sei praticamente só do seu passado criminoso... E agora deixa-me dinheiro suficiente para nunca mais ter de trabalhar.

Delphine – Vamos deitar-nos. Amanhã é outro dia... *(Frédéric hesita. Ela oferece-lhe o braço.)* Queres que te leve até à cama?

Escuro.

CENA 5

Delphine bebe um café. Vanessa entra de roupão.

Vanessa – Bom dia, Delphine... E mais uma vez obrigada pela hospitalidade.

Delphine – Não tens de quê. Dormiste bem?

Vanessa – Não... Mas a culpa não foi da cama.

Delphine – Vi os cadáveres das garrafas...

Vanessa – Não foram os únicos cadáveres que me perseguiram esta noite...

Delphine – Queres café?

Vanessa – Obrigada, sim.

Delphine serve-lhe uma chávena de café.

Vanessa – Sei que nunca gostaste muito de mim.

Delphine *(surpreendida)* – Porque é que dizes isso?

Vanessa – Não digo que me detestes... Mas vês-me como uma mulher sustentada, não é? Uma pequena burguesa de espírito estreito.

Delphine *(a brincar)* – Esqueceste-te de uma coisa... Um bocadinho reacionária.

Vanessa – Tinhas razão... Também eu não gostava muito de mim própria...

Delphine – E agora?

Vanessa – Agora já nem sei quem sou.

Delphine – Isso já é um começo...

Vanessa – Não me julgues, sabes? Preciso mesmo daquele dinheiro, por mais estranho que te pareça...

Delphine – Estou a ouvir... Podes confiar em mim.

Vanessa – As coisas com o Marc correm muito mal. Tem uma amante. E a dele, acredita, existe mesmo...

Delphine – Conhece-la?

Vanessa – É assistente dele na imobiliária. Tem menos dez anos do que ele e, sobretudo, menos dez anos do que eu.

Delphine – Então devias deixá-lo...

Vanessa – Não é tão simples... Ele não quer divorciar-se, para não ter de me dar metade dos nossos bens nem pagar-me uma pensão. Agora, com a herança que vou receber...

Delphine – Ele sabe?

Vanessa – Estava presente quando o Carlos veio falar comigo.

Delphine – Mas ele não pode recusar-se a divorciar-se!

Vanessa – Eu não trabalho. Dependo totalmente dele. E há as crianças... É vingativo, sabes? Se isto acabasse em tribunal, nem sei o que seria capaz de fazer para me afastar dos meus filhos.

Delphine – O que queres dizer?

Vanessa – Vai alegar que sou psicologicamente frágil. Que tentei suicidar-me...

Delphine – É verdade?

Vanessa – Foi um acidente! Tomo calmantes, é verdade. Mas nesse dia tomei dois que não devia misturar. Perdi os sentidos e chamaram uma ambulância... O Marc vai usar isso para ficar com a guarda das crianças. Não aguentava... E acredita que, desta vez, não falhava...

Delphine – Compreendo... Mas não podes continuar assim...

Vanessa – Aquele dinheiro permitia-me ir embora. Mesmo que tivesse de lhe dar uma parte, para me deixar em paz...

Delphine – Não podes ceder a essa chantagem. É ignóbil...

Vanessa – Já nem sei... Ele mete-me medo... Quando o Carlos veio, o Marc foi muito simpático com ele, mas, assim que saiu, disse-me que queria a parte dele. Senão...

Delphine – Senão o quê? *(Vanessa aperta o roupão contra o corpo.)* E esses hematomas que tentas esconder debaixo do roupão?

Vanessa – Não é nada... Caí...

Delphine – A mim não me enganas, Vanessa...

Vanessa – Sei que custa acreditar... Pensamos que estas coisas só acontecem em meios desfavorecidos... E perguntas-te como é que pude aceitar isto...

Delphine – Pergunto-te eu a ti.

Vanessa – Nunca tive o hábito de tomar decisões.

Delphine – Queres que o Frédéric fale com ele? Afinal, é teu irmão...

Vanessa – O Marc vingar-se-ia de mim... Talvez até nas crianças. Por favor, não contes nada ao Frédéric...

Delphine – Não podes aceitar isto, Vanessa. Tens de pedir ajuda...

Tocam à campainha. Delphine sai e regressa com Carlos.

Carlos – Bom dia, Vanessa... Não esperava encontrá-la aqui, mas até é bom estarem todos, com o seu irmão...

Delphine – Deixo-vos a conversar... Vou avisar o Frédéric. Está no duche...

Ela sai.

Carlos – Lamento a decisão do seu irmão. Devia convencê-lo a aceitar.

Vanessa – O meu irmão não é fácil de convencer...

Carlos – Já reparei...

Vanessa – Compreendo, mas eu não tenho escolha.

Carlos – Porque diz isso?

Vanessa – Digamos que aquele dinheiro me permitiria recuperar a independência. Se o meu marido me deixasse partir, claro.

Carlos – O seu marido não a faz feliz?

Vanessa – Quero divorciar-me há muito... Mas tenho medo.

Carlos – Medo? De quê?

Vanessa – Preferia não falar disso...

Carlos aproxima-se de Vanessa e aponta delicadamente para a nódoa negra na face, dissimulada por uma madeixa de cabelo.

Carlos – O seu marido já lhe bateu?

O silêncio de Vanessa é uma confissão. Carlos afasta-lhe mais bruscamente o roupão dos ombros e vê outras marcas.

Carlos *(frio)* – Foi ele que lhe fez isto?

Vanessa compõe o roupão.

Vanessa – Quero divorciar-me, mas ele não quer.

Carlos – Não quer...?

Vanessa – Agora que sabe que vou receber uma grande herança, exige uma parte.

Carlos – Não fizeram um contrato de separação de bens?

Vanessa – Não.

Carlos – Portanto, ele não tem direito nenhum sobre a sua herança.

Vanessa – Eu sei... Mas não é tão simples.

Carlos – Não se preocupe... Eu trato de lhe explicar isso.

Vanessa – Receio que não chegue...

Carlos – Vai chegar, acredite. Apesar das aparências, posso ser muito convincente.

Frédéric entra e surpreende-se com a proximidade de Carlos e Vanessa. Repara também na perturbação da irmã.

Carlos – Mesmo que ainda não tenha conseguido convencer o seu irmão...

Vanessa – Vou acabar de me vestir...

Ela sai.

Carlos – A sua irmã é uma pessoa encantadora.

Frédéric – Eu diria antes maçadora, mas... sim.

Carlos – E é também muito frágil. Há quem possa aproveitar-se disso...

Frédéric – O que quer dizer?

Carlos hesita, mas muda de assunto.

Carlos – Devia aceitar a minha proposta.

Frédéric – A «sua» proposta?

Carlos – A do seu pai.

Frédéric – Mas o meu pai não me deixou a herança por decisão própria, pois não? Sou apenas o herdeiro legal...

Carlos – Não teve tempo de fazer testamento. Mas sei que era seu desejo deixar o dinheiro aos filhos.

Frédéric – E se eu não estiver destinado a ser rico...?

Carlos – Ninguém está destinado a ser rico. É precisamente essa a vantagem de o ser...

Frédéric – Bastavam-me cem mil euros para resolver os meus problemas imediatos de tesouraria.

Carlos – Lamento. Não é um legado, é uma herança. Ou aceita tudo ou não aceita nada.

Frédéric – Não sei mesmo...

Carlos – Volto amanhã com a procuração. Só tem de assinar, e eu trato do resto. Entretanto, queria entregar-lhe isto...

Entrega-lhe um caderno volumoso.

Frédéric – O que é isso?

Carlos – O diário dele.

Frédéric – O diário? Quer dizer, o diário íntimo do meu pai?

Carlos – Ou diário de bordo, como preferir.

Frédéric – Não sabia que os mafiosos escreviam diários... Pode ser bastante comprometedor, não?

Carlos – Encontrei-o entre os documentos dele. Leia-o mais tarde. Espero que o ajude a compreender algumas coisas...

Frédéric – Leu-o?

Carlos – Dei-lhe uma vista de olhos antes de o entregar.

Frédéric pega no caderno.

Frédéric – Obrigado. Não quer beber nada? Ainda há umas garrafas por aqui...

Carlos – Fica para a próxima... Tenho um assunto urgente para tratar... *(Olha uma última vez para o quadro em curso.)* Gosto mesmo dos seus quadros... O seu pai tinha vários em casa...

Frédéric – Como disse?

Carlos – Comprava-os através de um galerista de Londres. Tinha uma grande admiração pelo senhor. Não o desiluda...

Carlos sai, deixando Frédéric estupefacto. Delphine regressa.

Delphine – Estás bem?

Frédéric – Era o meu pai que me comprava os quadros em Londres, através daquele pretenso colecionador russo.

Delphine – Tens a certeza?

Frédéric – Afinal, foi ele que me permitiu ir sobrevivendo durante todos estes anos. Sem ele, talvez não tivesse vendido um único quadro.

Delphine – Isto é incrível... Como diz a tua irmã.

Frédéric – Não queria aquele dinheiro sujo, mas, afinal, já vivia dele...

Delphine – Então o que fazemos?

Frédéric – Um pouco mais ou um pouco menos... A minha irmã tem razão. O dinheiro é sempre sujo.

Delphine – Aceitas a herança?

Frédéric – Havemos de encontrar maneira de aliviar a consciência...

Escuro.

CENA 6

Frédéric lê o diário do pai, visivelmente emocionado. Delphine chega.

Delphine – Já estás de pé...?

Frédéric fecha o diário.

Frédéric – Não preguei olho a noite inteira.

Delphine serve-se de um café.

Delphine – Eu sei... Eu também não...

Frédéric – Tinha mesmo de ler isto.

Delphine – Queres falar-me dele?

Frédéric – É curioso... Não sabia nada do meu pai e, agora que morreu, sei mais sobre ele do que qualquer filho alguma vez saberá acerca do seu.

Delphine – Espero que isso te ajude a fazer as pazes com ele, pelo menos um pouco.

Frédéric – Preferia ter podido fazê-lo enquanto era vivo, mas enfim...

Delphine – Vais contar-me?

Frédéric – Claro... Até o poderás ler, mais tarde...

Delphine – Está bem.

Frédéric – Acredita, dava para escrever um romance.

Delphine – Vais escrevê-lo?

Frédéric – Toca-me demasiado de perto. Não era capaz. Além disso, és tu a escritora, não és?

Delphine – Sim... Quer dizer, ainda não escrevi nada...

Frédéric – Não acredito.

Delphine – Está bem, tenho umas notas guardadas. E o início de um romance...

Frédéric – Estou desejoso de o ler...

Delphine – E se ficares desiludido?

Frédéric – Nada que venha de ti poderá alguma vez desiludir-me.

Delphine – Agora sou eu que preciso que acredites em mim.

Frédéric – Atenção... Disse que não ia ficar desiludido, não que fosse necessariamente bom...

Delphine – Se for mesmo mau, dizes-me?

Frédéric – O que é que achas?

Delphine – Acho que vais saber fazer-me perceber.

Frédéric – Um dia mostro-te o meu primeiro quadro.

Delphine – Ainda o tens?

Frédéric – Claro que não o mostro a ninguém. Mas, quando duvido de mim, olho para ele. Vejo o caminho que já percorri e isso anima-me. Pelo menos por uns tempos, até pensar no caminho que ainda falta percorrer.

Delphine – Gostava de ver isso...

Frédéric – Vais ver. Assim serás mais indulgente com o teu primeiro romance. Achas que Leonardo da Vinci pintou a Mona Lisa à primeira tentativa? O génio não existe. Nem a verdade, nem a perfeição. O génio é uma determinação absoluta em persistir no erro, até conseguir enganar-se de forma sublime.

Preparam-se para se beijar, mas ouve-se a campainha. Delphine vai abrir e regressa com Vanessa, mais serena e sorridente, com um saco de papel na mão.

Vanessa – Olá, Fred. Olá, Delphine. Trouxe-vos umas chouquettes.

Frédéric – O que se passa com toda a gente? Há alguma promoção de chouquettes na padaria da esquina?

Delphine – Queres café?

Vanessa – Sim, obrigada.

Frédéric – Pareces estar melhor, não?

Vanessa – Vou divorciar-me.

Frédéric – No teu caso, suponho que são boas notícias.

Vanessa – São, sim.

Delphine – Chegaste a acordo com o Marc? Divórcio por mútuo consentimento...?

Frédéric – Pelo menos não te exigiu metade da herança?

Vanessa – Não. Não me pediu nada. Não sei porquê, mas agora anda muito simpático comigo.

Delphine – E não lhe prometeste nada em troca de aceitar o divórcio?

Vanessa – Nada... Até concordou que eu ficasse com a guarda exclusiva das crianças.

Frédéric – Era isso que querias, não era?

Vanessa – Claro. Foi por isso que, até agora, não me atrevi a pedir o divórcio, enquanto não tivesse a certeza de poder ficar com eles.

Frédéric – Achas que ele seria capaz de fazer mal às crianças?

Vanessa – Não sei...

Delphine – E... fazes alguma ideia do que o levou a mudar de atitude de repente?

Vanessa – Não… *(Uma pausa.)* Da última vez, chegou a casa com a cara toda marcada. Não sei se terá alguma coisa a ver...

Frédéric – Ah, sim... Talvez tenha, um bocadinho...

Vanessa – Sabes quem lhe poderia ter feito aquilo?

Frédéric – Eu é que não fui, juro-te.

Vanessa parece desconfortável.

Delphine – Vou acabar de me arranjar.

Delphine sai.

Frédéric – Tens mais alguma coisa para me dizer?

Vanessa – Sim...

Frédéric – Estou a ouvir.

Vanessa – A mãe falava muito comigo, sabes... Sobretudo no fim da vida... Às vezes fazia-me confidências...

Frédéric – Mais do que comigo, está visto... E então?

Vanessa – Há uma coisa que ela nunca te contou... Pelo menos, acho que não... Uma coisa que queria que soubesses...

Frédéric – Está bem...

Vanessa – Na verdade, se o teu pai se foi embora...

Frédéric – «O meu» pai? Também é o teu, não é?

Vanessa – Era precisamente disso que queria falar contigo... Se Charles se foi embora, foi porque a mãe o tinha traído.

Frédéric – O quê?

Vanessa – Na verdade, não sou filha dele. Foi quando soube disso que Charles decidiu partir para a América.

Frédéric – Foi a mãe que te contou?

Vanessa – Foi.

Frédéric – Está bem... *(Uma pausa.)* E eu?

Vanessa – Tu?

Frédéric – De quem sou eu filho?

Vanessa – Tu és mesmo filho de Charles, não te preocupes.

Frédéric – Tratando-se de um proxeneta que também andava metido no tráfico de droga, não sei se isso me tranquiliza muito, mas pronto... Está bem...

Vanessa – Bem, pelo menos no teu caso a mãe não disse nada.

Frédéric – Está bem... E tu, de quem és filha?

Vanessa – Do melhor amigo de Charles, acho que também era sócio dele. Um tal Karl, que desapareceu pouco depois de eu nascer.

Frédéric – Espero que não em circunstâncias misteriosas...

Vanessa – A mãe nunca mais o viu. Nem eu, evidentemente...

Frédéric – E isso explicaria porque é que Charles nos abandonou a todos?

Vanessa – Sentiu-se traído. Pela mulher e pelo melhor amigo. Não conseguiu lidar com isso. E foi para a América.

Frédéric – E só agora é que me contas?

Vanessa – Era uma coisa que me dizia sobretudo respeito a mim.

Frédéric – Então porque é que me contas agora?

Vanessa – Vou aceitar a herança... E tu pensas recusá-la... Seria absurdo que todo o dinheiro acabasse nas minhas mãos, em vez de ficar contigo, quando eu nem sequer sou filha dele...

Frédéric – Ele reconheceu-te como filha, não foi? Tens o apelido dele.

Vanessa – Quando me registou, ainda não sabia que eu não era filha dele.

Frédéric – Não tens culpa de nada, Vanessa. És uma vítima, tal como eu. Para mim serás sempre a minha irmã... Para o bem e, sobretudo, para o mal...

Vanessa – Então estás disposto a partilhar comigo?

Frédéric – Claro... Nem sabia o que fazer com cinco milhões. Quanto mais com dez...

Vanessa – Obrigada, Fred... Na verdade, nunca te detestei... tanto quanto parecia.

Frédéric – Essa confissão comove-me profundamente.

Vanessa – Acho que, no fundo, tinha inveja de ti.

Frédéric – De mim? Sou um artista falhado, vivo à custa da minha mulher e, segundo ela, sou um moralista...

Vanessa – Pois... Isso tudo... Também não é inteiramente falso...

Frédéric – Então de que é que tinhas inveja?

Vanessa – Da tua independência, acho. Escolheste a tua vida, contra tudo e todos. Tentaste realizar o teu sonho... Mesmo sem o conseguires...

Frédéric – Obrigado...

Vanessa – Mas ao menos tentaste.

Frédéric – E tu?

Vanessa – Eu nem sequer tinha um sonho. Por isso contentei-me com casar com alguém que cuidasse de mim. Pelo menos era o que eu pensava...

Frédéric – Então também achas que não temos escolha...

Vanessa – Escolha? A vida é como uma partida de Scrabble. As regras são iguais para todos e fazem-nos acreditar que todos têm as mesmas hipóteses de ganhar. Mas quando nos calham letras más desde o início e a coisa continua assim pela partida fora... W, K, Y...

Frédéric – Se acrescentares mais algumas letras, podes formar «whisky».

Vanessa – Foi o que fiz... Whisky, vodka, raki...

Abraço fraterno.

Frédéric – Desculpa. Estava tudo diante dos meus olhos e não vi nada...

Vanessa – Pois... Para um pintor, é irónico. Não ver nada...

Frédéric – Sinto-me culpado. Era o teu irmão mais velho. Devia ter-te protegido.

Vanessa – Meio-irmão mais velho...

Frédéric prefere voltar às brincadeiras.

Frédéric – Tens razão... A boa notícia é que afinal és só minha meia-irmã.

Vanessa – E, mesmo assim, a culpa de todos os teus problemas é minha...

Frédéric – Curiosamente, isso não me admira...

Vanessa – Também te contei isto para seres um bocadinho mais indulgente com o nosso pai.

Frédéric – Afinal, nem todos os maridos traídos vão para a América abrir bordéis...

Vanessa – Pois não... É o destino, como tu dizes. Também isso estava escrito, provavelmente...

Frédéric – Pois...

Vanessa – E tu?

Frédéric – Eu?

Vanessa – Já que estamos em momento de confidências... Há alguma coisa que eu deva saber?

Frédéric – Ainda não...

Vanessa – Como assim, ainda não?

Frédéric – O Carlos entregou-me... o diário do meu pai. Ainda não acabei de o ler.

Vanessa – Julgava que só as adolescentes um pouco deprimidas escreviam diários...

Frédéric – Parece que aquele velho proxeneta também tinha o seu lado feminino.

Frédéric entrega-lhe o diário e ela folheia-o. Tocam à campainha. Delphine regressa com Carlos.

Carlos – Está tudo pronto, trouxe os documentos. Só têm de assinar.

Vanessa – Muito bem.

Carlos – Mas antes tenho uma coisa para vos dizer.

Frédéric – Outra vez? O senhor sabe mesmo criar suspense.

Delphine – Devia escrever peças de teatro...

Frédéric – Estou a ouvir... Mas receio o pior...

Carlos – No México, o seu pai tomou uma criança a seu cargo. Uma órfã que tem agora cinco anos...

Frédéric – A idade que eu tinha quando ele nos abandonou...

Carlos – Antes de morrer, não teve tempo de a adotar legalmente...

Vanessa – E então?

Carlos – A intenção do seu pai era trazê-la para França, para lhe dar uma boa educação e um futuro melhor. Mas agora...

Frédéric – Acho que estou a perceber...

Vanessa – Quer dizer que não é filha biológica dele?

Carlos – É filha de uma prostituta que trabalhava num dos seus estabelecimentos e morreu pouco depois do parto. Não sabemos quem é o pai...

Uma pausa.

Vanessa – E só recebemos a herança se cuidarmos dessa criança?

Carlos – Charles não deixou testamento, por isso não há nenhuma cláusula que o imponha. Mas é evidente que teria sido essa a vontade dele...

Vanessa – Nem sei que diga... Fred, o que achas?

Frédéric – Temos realmente escolha...?

Carlos – Do ponto de vista estritamente legal, podem aceitar a herança sem se preocuparem com o futuro da criança.

Delphine – Legalmente, sim. Mas seria monstruoso...

Frédéric – Tem uma fotografia?

Carlos – Claro.

Vanessa – Sabes, Frédéric, que, se virmos essa fotografia, nem que seja por um segundo, já não há volta a dar?

Frédéric – Mostre-me a fotografia.

Carlos entrega-lhe a fotografia, que ele observa longamente antes de a passar a Vanessa.

Vanessa – Não, desculpa... Não consigo... Ainda não...

Delphine pega na fotografia, observa-a e troca com Frédéric um olhar carregado de significado.

Frédéric – Tem mais notícias destas? Se tiver, é melhor dizer tudo de uma vez...

Carlos – Creio que desta vez já sabem tudo.

Frédéric – Duvido.

Carlos – Digamos... tudo o que precisam de saber.

Silêncio.

Vanessa – Já tenho dois filhos... E agora não tenho marido...

Frédéric – Mas és multimilionária.

Carlos – É uma decisão importante. Se quiserem, dou-lhes algum tempo para pensar.

Frédéric – Se começarmos a pensar, dizemos que não. A minha irmã tem razão: penso demasiado.

Carlos – Então... é um sim?

Frédéric – Delphine?

Delphine – Nunca tivemos filhos. Nem sei bem porquê.

Frédéric – A minha história pessoal não me incentivou muito a constituir família.

Delphine – E eu não insisti, para não te perder. Será a filha que nunca tivemos juntos...

Frédéric – Isso justificará aceitarmos o dinheiro. Por causa desta menina. Para lhe darmos uma vida feliz. Pelo menos, uma vida melhor...

Vanessa – Sim, para ela será uma reparação. E, para vocês, uma espécie de... castigo. *(Os outros olham-na, surpreendidos.)* Quero dizer... por terem aceitado dinheiro sujo...

Frédéric – Não queria aceitar aquele dinheiro por amor-próprio. Mas, afinal, amor-próprio, dinheiro sujo... O amor também nem sempre é limpo...

Carlos – Trouxe também os documentos de adoção da menina. Se estiverem de acordo, basta assinar.

Delphine – E onde está a menina?

Carlos – Num orfanato, no México.

Uma pausa.

Frédéric – Aceitamos a herança. E adotamos a menina...

Vanessa – Obrigada... Vou ajudar-vos, prometo.

Delphine *(a Vanessa)* – Tenho a certeza de que serás uma tia maravilhosa...

Carlos – Nesse caso, só têm de assinar.

Frédéric – Muito bem.

Carlos – Não querem ler primeiro?

Frédéric – Nem sei porquê, mas confio em si.

Frédéric e Vanessa assinam os documentos.

Carlos – Com esta procuração, trato de tudo em vosso nome. Serão informados das transferências de títulos de propriedade e das transferências bancárias.

Delphine – E quanto à menina?

Carlos – Com estes documentos, poderão ir buscá-la legalmente. Dentro de algumas semanas...

Delphine – Iremos assim que for possível.

Carlos – Obrigado.

Vanessa – Fizeste a escolha certa, Frédéric.

Frédéric – Não creio que tivesse escolha. Mas, seja como for, foi a escolha certa.

Carlos – Nesse caso, deixo-vos. Em família.

Delphine – Obrigada...

Carlos prepara-se para sair.

Vanessa – Voltaremos a ver-nos?

Carlos – Só Deus sabe... Mas continuarei, de longe, a saber notícias vossas...

Delphine e Vanessa afastam-se por instantes. Frédéric fala à parte com Carlos.

Frédéric – E quanto à minha irmã? Foi o senhor que conseguiu falar com o marido dela?

Carlos – Tivemos uma breve conversa, sim. Recordei-lhe alguns aspetos do direito sucessório.

Frédéric – É um verdadeiro pedagogo, porque, até agora, ele não queria ouvir nada... A minha irmã contou-me que o marido tinha a cara um bocado inchada... Imagino que, quando fala de alguns pontos de direito, também dá uns diretos de direita para sublinhar os argumentos, não é?

Carlos – Dei-lhe a escolher entre o divórcio e a viuvez. E fiz questão de esclarecer que, na segunda hipótese, seria a mulher dele a ficar viúva. Percebeu perfeitamente.

Frédéric – Porque é que faz tudo isto por nós?

Carlos – Já lhe disse, o seu pai era meu amigo. Estou habituado a tratar dos negócios dele...

Frédéric – Como era ele, o meu pai? Como amigo...

Carlos – Pouco dado a demonstrações de afeto. Mas era alguém com quem se podia contar. Teria sido capaz de morrer por vocês...

Vanessa aproxima-se.

Vanessa – Também tenho de ir. As crianças estão à minha espera. Instalámo-nos num hotel, provisoriamente. *(A Carlos.)* Pode dar-me boleia?

Carlos – Com certeza...

Carlos e Vanessa saem.

Delphine – Achas que ela já arranjou outro protetor?

Frédéric – Pensei que ias dizer «chulo»... *(Incrédulo.)* Não...? Até podia ser o pai dela.

Delphine – A esta altura, já nada me surpreenderia...

Frédéric – O que queres dizer?

Delphine – Talvez seja ele o amigo do teu pai... O sócio que se envolveu com a mulher dele.

Frédéric – E que seria o pai da Vanessa?

Delphine – Como se chamava esse homem que também desapareceu misteriosamente?

Frédéric – Karl.

Delphine – Karl, Carlos... Reconhece lá que é estranho.

Frédéric – Acho que estamos a começar a delirar, não achas?

Delphine – Sim... E, se calhar, foi a tua mãe que inventou a história toda.

Frédéric – Achas...?

Delphine – No fim da vida, ela já estava a perder bastante a cabeça, não estava?

Frédéric – Mas porque inventaria esse... Karl? Porque havia de dizer que tinha traído o meu pai? Não é propriamente coisa de que alguém se gabe.

Delphine – Não sei... Talvez para justificar que o teu pai vos tivesse abandonado. Para vos ajudar a aceitar isso. É difícil aceitar que um pai abandone os filhos sem razão. Assim, ao menos havia uma explicação. Ela assumia a culpa de certa maneira...

Frédéric – Pois...

Delphine – Ou então estava simplesmente louca.

Frédéric – Bem... Não sei se podemos dizer que tudo está bem quando acaba bem.

Delphine – De qualquer maneira, vamos receber cinco milhões...

Frédéric – Vou poder continuar a pintar.

Delphine – E para mim será o último regresso às aulas.

Frédéric – O próximo será a tua estreia literária...

Delphine – E a nossa primeira viagem de milionários será ao México.

Frédéric – Queres dizer, a última viagem como casal sem filhos. Porque depois...

Delphine – Afinal, o Carlos tinha bom fundo.

Frédéric – Tinha, sim. E um bom direto de direita, isso é certo.

O telefone toca.

Delphine – Estou...? Banco Crédito Solidário? Ah, sim...

Frédéric – Passa-me o telefone... *(Pega no auscultador.)* Estou? Ouça, meu caro senhor, lamento muito, mas vamos ter de mudar de banco... Exatamente... Vamos escolher um banco mais adequado ao nosso património... Bom dia.

Delphine – A paternidade está a fazer-te bem.

Frédéric – Estava só à espera disto para me tornar um homem a sério...

Olha para o computador, que acaba de emitir um som.

Frédéric – Olha, outra encomenda... do meu cliente misterioso.

Delphine – Afinal, não seria o teu pai?

Frédéric – Quem seria, então?

Delphine – Aquele advogado mexicano...? Disseste-me que gostava muito dos teus quadros...

Frédéric – Talvez...

Delphine – Ou então... o teu pai não morreu verdadeiramente.

Frédéric – Desculpa...?

Delphine – O Carlos disse que nunca encontraram o corpo. Para alguém procurado pela polícia, morrer é uma boa solução.

Frédéric – Para depois renascer com outra identidade. Mas continuariam a reconhecê-lo!

Delphine – Também existe a cirurgia plástica.

Frédéric – E abandonava a filha?

Delphine – Não seria a primeira vez que mudava de vida deixando tudo para trás.

Frédéric – Além disso, nem a abandona verdadeiramente, porque conseguiu pô-la nas nossas mãos.

Delphine – Não pode levá-la consigo enquanto anda fugido, só isso. Queria garantir-lhe o futuro. E, já agora, garantir-nos o nosso...

Frédéric – Achas?

Delphine – E se fosse ele?

Frédéric – Ele quem?

Delphine – O Carlos. O teu pai!

Frédéric – Mas eu tê-lo-ia reconhecido!

Delphine – Se ele fez uma cirurgia para mudar de rosto...

Frédéric – Mesmo assim...

Delphine – Tu quase não o conheceste... E Charles... Carlos... Em espanhol, Carlos é Charles, não é?

Frédéric – Portanto, para ti, Charles, Karl e Carlos seriam uma só pessoa...?

Delphine – É só uma hipótese. Provavelmente nunca saberemos...

Silêncio.

Frédéric – Não sei se algum dia voltaremos a vê-lo...

Delphine – É pouco provável. Seria demasiado perigoso para ele...

Frédéric observa a fotografia da menina mexicana.

Delphine – Achas que é verdade o que ele nos contou?

Frédéric – O quê?

Delphine – Que ela é filha de uma prostituta, de pai desconhecido... Talvez seja filha dele... Como era o teu pai, fisicamente?

Frédéric – Já nem me lembro bem.

Delphine – Não tens uma fotografia?

Frédéric – Queimei tudo.

Delphine – Parece-me que ela se parece um bocadinho contigo...

Frédéric – Achas?

Delphine – Tinhas razão. Desvendar o mistério de um rosto é trabalho para uma vida inteira.

Frédéric – E nem sequer é garantido que se consiga.

Delphine – Sobretudo quando as pessoas mudam de rosto de propósito...

Frédéric – Tenho a sensação de que esta novela familiar ainda não acabou... Mas podemos continuar a chamar-lhe família?

Delphine – Vamos ter uma família, de qualquer maneira...

Frédéric – Sim... Uma menina a quem vamos dar todo o amor e todos os cuidados durante vinte anos e que passará o resto da vida a censurar-nos por tudo o que não fizemos por ela. E a culpar-nos por tudo o que lhe correr mal...

Delphine – Estou desejosa de começar.

Frédéric – Eu também...

Delphine – Acho que já tenho uma ideia para o meu primeiro livro. Não será um romance, mas uma peça de teatro. Até já tenho o título: «Amor-próprio e dinheiro sujo»...

Frédéric – Ou ao contrário.

Ela contempla o quadro.

Delphine – Este rosto... é o do teu pai, não é?

O telemóvel de Frédéric toca.

Frédéric – Estou? Sim, sou eu... Não, não fui eu que... Está bem... Amanhã às três da tarde serve perfeitamente. Ótimo... Então até amanhã. Obrigado... *(Guarda o telemóvel.)* Era a diretora de uma das galerias mais importantes de Paris. Quer expor os meus quadros.

Delphine – A sério?

Frédéric – Juro-te... Espero que não seja uma brincadeira.

Delphine – Não me parece.

Frédéric – E se foi o Carlos?

Delphine – O Carlos?

Frédéric – Quer dizer... O Charles... Ou o Karl... Talvez tenha ido falar com eles... Oferecer-lhes dinheiro... Ou pior... Ameaçá-los...

Delphine – A tua autoconfiança surpreender-me-á sempre... Achas mesmo que uma galeria só aceitaria mostrar os teus quadros sob ameaça?

Frédéric – Desculpa... É falta de hábito... Mas disseram que já conheciam o meu trabalho... Alguém deve ter...

Delphine – Fui eu.

Frédéric – Tu?

Delphine – Fui lá com o teu catálogo.

Frédéric – E aceitam-me só pelo catálogo?

Delphine – Interessaram-se. Vieram cá e mostrei-lhes os teus quadros. Num dia em que não estavas.

Frédéric – Porque não me disseste nada?

Delphine – Não queria que ficasses desiludido, caso não resultasse... E, de qualquer maneira, não terias acreditado.

Frédéric – Mas tu acreditavas.

Delphine – Sempre acreditei em ti.

Frédéric – Afinal, sou como Deus ou o Pai Natal... Preciso que acreditem em mim para continuar a existir.

Delphine – Toda a gente acredita no Pai Natal quando ele traz cinco milhões de euros no saco...

Beijam-se. Ela observa o quadro.

Delphine – Acabaste o retrato?

Frédéric – Acho que sim...

Delphine – É magnífico... Vai ser o centro da tua primeira exposição em Paris.

Frédéric – Sim...

Delphine – Até se parece um pouco com Deus, não achas?

Frédéric – Não sei... Que aspeto tem Deus?

Delphine – O aspeto que imaginamos, suponho.

Frédéric contempla também o quadro.

Frédéric – Ou o Pai Natal... Aquele que nunca vemos, mas que nos traz presentes...

Delphine – Vamos tentar fazer alguma coisa de limpo com toda esta sujidade.

Frédéric – Esperemos que tenhamos realmente escolha.

Delphine – Esperemos... E, se afinal não tínhamos escolha, ao menos mantivemos a esperança.

Frédéric – A esperança é a última a morrer...

Delphine – Diz-me que não vais passar a vida a citar provérbios, como a tua irmã...

Frédéric – A minha meia-irmã... Bem, acho eu...

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-994-2

Documento para download gratuito